



Psicologia da Consciência

O tema consciência vem ganhando importância significativa nos últimos tempos. Tem sido abordado por diferentes áreas de estudo (psicologia, neurociências, física), sob diferentes enfoques, e em variados meios de comunicação. O que o torna, na atualidade, um foco para onde diferentes olhares se dirigem? O que faz com que desvelar seu funcionamento e seus mistérios se torne algo exaustivamente perseguido nos dias atuais? Qual a importância que o estudo deste tema traz em si?

O interesse pela consciência nos conduz a tempos remotos, onde a própria natureza e condição humana constituíam-se em questões relevantes, sendo desenvolvidas por diferentes povos e civilizações. Não é raro depararmos com estudos sobre o psiquismo humano entrelaçados aos conhecimentos da mitologia, antropologia, filosofia, biologia, entre outros. É visivelmente identificável o conhecimento de mitologia abarcado por Freud em seus conceitos básicos como complexo de Édipo, narcisismo, Eros e Psique; Jung utilizou em sua obra referências a diversos povos e civilizações, além do conhecimento desenvolvido por eles a partir dos estudos sobre Alquimia e Mandala; o existencialismo traz consigo toda uma ampla base filosófica...E poderíamos assim descrever um a um, todos os pensadores que se debruçaram diante do foco da psicologia, que é o estudo do fenômeno psíquico e do comportamento humano.

O psiquismo humano envolve um vasto campo de conhecimento. Embora tenhamos inúmeras teorias que tentam abarcá-lo, sempre tornou-se necessário ao estudioso da psique humana, que ele mesmo, antes de mais nada, abarcasse universos cada vez mais amplos, para depois construir sua compreensão do fenômeno. Isto porque, ao buscar o mais amplo, conseguimos identificar aquilo que tem a qualidade de permanecer, apesar da diversidade. Trata-se, muitas vezes, de coisas muito simples. Existem, por exemplo, questões básicas que moveram todo o desenrolar de vidas, sociedades, teorias, crenças, confecção de artefatos, entre outros, que nunca foram respondidas, e continuam movendo a ação humana. São elas: quem sou eu? Para onde vou? Qual o papel que ocupo no universo?

A psique envolve, então, aspectos da natureza intrínseca do homem que permanecem além do tempo e espaço, tornando-nos neste momento, tão atuais como qualquer outro cidadão da história, e nos fazendo compartilhar de mecanismos e vivências semelhantes a qualquer habitante de qualquer lugar do planeta. Neste sentido, neste momento, existe algo de eterno. Todos os conhecimentos produzidos tornam-se atualizados num só instante. Isto não quer dizer que cada ser não realize sua vida segundo uma construção própria, com uma marca particular e uma assinatura individual.

Existem categorias e categorias de conhecimentos: uns compreendem um feixe específico do tempo e têm significado quando vistos segundo o fato histórico a que estão ligados (hoje não utilizamos o conhecimento de como construir pirâmides como conhecimento essencial para nossa adaptação a esta sociedade), outros vão além da linha do tempo. Não que uns tornem-se mais importantes que os outros: eles localizam o sujeito segundo dois grandes eixos.

O que existe inscrito no tempo/ espaço nos torna indivíduos localizados em um contexto. A primeira grande marca que distingue o sujeito é uma marca de espaço: eu – não eu. Ela atua como se existisse uma linha divisória nos possibilitando a distinção entre a sensação que possuímos de eu como sendo deste lado, e a sensação do que se encontra do outro lado como não sendo eu. Existe, depois, uma marca que se inscreve no tempo onde o sujeito se reconhece através de sua permanência nele e de suas reminiscências. Seria uma sensação contínua de eu através do fluxo dos eventos.

Nossa localização segue o eixo tempo/espaço, e é através dele que nos identificamos. Se ele torna-se necessário para nossa identificação como indivíduos, incorremos frequentemente no erro de nos reconhecermos somente num eixo tempo / espaço muito restrito e de não nos



localizarmos fora dele. Reconhecer e ampliar a visão do contexto em que vivemos torna-se tão importante ao conhecedor da psique humana quanto ampliar a visão daquilo que é de natureza intrínseca a todos nós. Se na natureza intrínseca existe algo de eterno, diante de um contexto localizado no tempo, existe modificação e movimento : fatos desencadeados um após o outro, e idéias que se alteram. As visões e concepções acerca do homem e do mundo se modificam ao longo do tempo e dos fatos. Neste sentido, o mundo está sempre sendo tecido. Embora permanecemos presos à concepção que nos localiza no tempo/espaço, habitamos muito pouco o tempo/ espaço em que vivemos, permanecendo alheios ao que acontece do outro lado do globo, e refratários a novas idéias que surgem.

No mínimo é irônico dizer isso em plena ascensão da informatização e globalização. A informação rompe a cadeia do tempo, sendo divulgada em crescentes quantidades em um espaço de tempo cada vez mais insignificante. A globalização traz em si o conceito da quebra de fronteiras no espaço. Antes, a concepção de espaço do homem permanecia restrita ao ambiente das cavernas onde habitava e suas proximidades. Ampliou-se para territórios maiores conforme as comunidades, cidades e países foram se constituindo. No entanto, durante muito tempo, o homem gastou horas imaginando o que haveria do outro lado do mar, e que formato teria o mundo. Rompeu-se este limite, e uma nova concepção de mundo se formou. O homem mapeou toda a Terra e começou a lançar os olhos para o espaço. Atualmente ele habita o lugar cuja distância seus olhos podem alcançar (e assim sempre foi): existem pessoas cujo mundo é seu bairro, e manifestam intenso medo em se aventurar além dele; outras cujo mundo é a cidade ampla que habitam; outras, a comunidade a que pertencem; poucas têm a noção de que sua casa é todo um país; raras são as pessoas que se sentem cidadãos do planeta. Embora tenhamos ampliado os limites do tempo e do espaço, não ampliamos o nosso olhar, não ampliamos nosso grau de consciência.

A consciência poderia ser considerada aqui, como o modelo último através do qual trafegamos. Certa vez conversava com uma senhora que morava em um cortiço da cidade de São Paulo. Viera de outro estado, e permanecia nesta cidade como se o bairro onde morava representasse a cidade toda. Nunca saía dali; seus parentes, amigos, escola, trabalho, médico, estavam todos localizados nesta mesma região. Muito do conhecimento que tinha daquilo que estava fora de seu bairro, era trazido pela tela da televisão. "As imagens do bem e do mal vêm das antenas de TV. A arte de viver da fé; só não se sabe o que é viver", a letra da música logo me surgiu à mente. Ficava imaginando o que faria com que uma mulher, que tem a informação do que acontece no mundo, ficasse restrita ao limite ilusório existente entre um bairro e outro, sem conseguir transpô-lo. Aos poucos fica claro que a informação desempenha um papel importante na abrangência que podemos ter da realidade, mas que necessariamente ela deve estar interligada com aquilo que foi denominado por Ken Wilber de conhecimento íntimo, ou aquele conhecimento que travamos diretamente com aquilo que estamos conhecendo. Neste caso, poderia supor que se esta mulher tivesse experimentado visitar alguns bairros, ela certamente encontraria diferenças marcantes entre eles, mas encontraria também aquilo que é comum a todos, e aquilo que justifica esta definição. Saberíamos que, por definição, um bairro compreende uma área delimitada aleatoriamente por questões, muitas vezes, administrativas e talvez compreendesse que o limite que tem para si é muito mais o limite de uma construção própria. Indo um pouco mais além, não necessitaria percorrer todos os bairros do mundo para saber essencialmente o que é um bairro, mas a partir do conhecimento adquirido, poderia fazer uma melhor utilização das informações que recebe dos bairros que conhece via televisão. O conhecimento íntimo seria uma forma de apreensão que nos possibilitaria deixar de "viver da fé" em crenças e modelos construídos por uma referência que nos é alheia, de representações (no exemplo, as imagens de TV), que não são outra coisa a não ser um símbolo do que é a realidade. Muitas vezes tomamos o que é símbolo por real, e esta representação se torna o limite "intransponível" (porque assim acreditamos) da nossa consciência. Um modelo através do qual nos amoldamos e nos limitamos. Estamos sempre sujeitos a moldes que nos possibilitam abarcar a realidade vivida, mas com isto se quer dizer que devemos permanecer "assujeitados"?



Muitos modelos e teorias foram produzidos ao longo da história. Embora nossa consciência esteja intimamente ligada ao modelo último através do qual trafegamos, ela mesma foi vista e estudada como fenômeno em si e, portanto, gerou modelos e teorias. Esses modelos e teorias sofreram, muitas vezes, a influência do contexto (ou do espaço/tempo) a que estiveram relacionados. A revolução industrial, por exemplo, promoveu toda uma alteração de visão de mundo. A questão relevante ao ser humano passou a ser: Como estou? Questão que traz embutida a importância dada ao estar funcionando bem, vigente na época. Em muitos estudos é sobre o funcionamento mental que a consciência irá estar equacionada. Neste caso, é vista apenas como uma função do psiquismo ou uma função mental. A visão materialista e a necessidade de mensuração traz mais uma vez a consciência como fenômeno cerebral a ser estudado. E assim, as funções cerebrais têm sido amplamente estudadas nos dias atuais, embora a consciência ainda se constitua em um enigma que muito tem a ser desvendado além destes limites.

Mas, se ao falarmos em consciência estamos falando em uma representação ou modelo de realidade, e àquele que lida com o psiquismo humano é necessário a qualidade de ser abrangente, então, torna-se imprescindível que o nosso modelo denote uma visão cada vez mais ampliada desta realidade. Consciência não é só um funcionamento cerebral, como não é só uma percepção. É algo tão abrangente como a vida o é. Podemos falar da vida através de diferentes enfoques e através das infinitas miríades de sua expressão sem, no entanto, conseguir abarcá-la por completo.

Embora o fenômeno da consciência implique em uma complexidade de estados (assim como a vida), ele é um saber vivenciado por qualquer homem existente. Qualquer homem sabe-se consciente. Visto desta forma, o fenômeno da consciência rompe com o espaço/tempo indo em direção àquilo que é de natureza intrínseca do homem.

Apesar de impossível abarcá-lo em uma definição, podemos dizer que isso, que se encontra presente na vivência de cada ser humano é, em si, um estado. Um estado que pode ter múltiplas formas de expressão segundo a assinatura e o crescente grau de complexidade conquistado por cada um. Um bebê não pode dizer que a consciência do universo da linguagem não existe no mundo, ele apenas está adormecido para ele; assim como a criança não pode dizer que a consciência da física quântica não existe; assim também nós não podemos dizer que níveis de consciência a que não tivemos acesso, não existam.

Desta forma, falar em consciência é falar em transpor os limites de nossos modelos, pois nos deparamos freqüentemente com aquilo que está além de nós mesmos.

É saber localizar-se não só no eixo tempo/espaço que nos contextualiza, mas também no eixo do que é perene e nos ultrapassa. É ainda mais. É localizar-se diante de um terceiro eixo: é localizar-se diante do outro ou diante de tudo aquilo que sabemos existente além da nossa própria consciência de ser.

Autoria: Grupo de Estudos em Psicologia (Instituto Nokhooja)